

AS NARRATIVAS DOS PROTAGONISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marivana Giovelli Casali
Marco Aurélio Acosta

RESUMO

Esta pesquisa teve como o objetivo revisitar a educação física escolar através das narrativas de professores aposentados, da cidade de Santa Maria/RS. A metodologia utilizada foi história de vida oral, feita com nove professores aposentados com larga experiência docente. As narrativas traçam uma relação com o período histórico da cidade de Santa Maria, a história da educação física e a vida desses professores.

Palavras-chave: educação física escolar - história da educação física - história de vida

ABSTRACT

This research has the objective revisit the physical education school through the narratives of teachers retired, the city of Santa Maria / RS. The methodology was oral history of life, made with nine retired teachers with extensive experience teaching. The narratives give a relationship with the historical period of the city of Santa Maria the history of physical education and lives of teachers.

Keywords: physical education school - history of education physical - history of life

RESUMEN

Esta investigación fue objetivo de volver a examinar los maestros de las escuelas de educación física a través de las descripciones de los jubilados, la ciudad de Santa Maria / RS. La metodología fue la historia oral de la vida, con nueve maestros jubilados con amplia experiencia en la enseñanza. Las descripciones dar una relación con el período histórico de la ciudad de Santa María, una historia de la educación física y la vida de los docentes.

Palabras clave: escuela de educación física - la historia de la educación física - historia de la vida

Introdução

Este trabalho teve por objetivo, revisitar a educação física escolar através das memórias de professores aposentados da cidade de Santa Maria. Compreender a trajetória profissional, os fatos relevantes e marcantes, o sabor que ficou de um longo tempo de trabalho, se torna relevante para a compreensão e a introdução de mudanças na educação física escolar e até mesmo para reorientar ações de formação mais adequadas, já que quem narra sua história, passou por inúmeras situações desafiadoras que de forma alguma devem ser ignoradas.

O resgate do passado vem ganhando interesse cada vez maior de pesquisadores e estudiosos que apontam que a utilidade desse tipo de pesquisa encerra-se na

contribuição para o estudo da sociedade, sendo que segundo Melo (1999) o estudo histórico vem dando efetivo exemplo de interdisciplinaridade e rompimento de rígidos limites epistemológicos. Entre as ciências sociais a história tem se apresentado como a que mais busca um diálogo com outras disciplinas.

Não pode ser descartada sua contribuição no conhecer e manter as tradições que se estabeleceram, por si só, o patrimônio construído por nossos antepassados merece ser resguardado, inclusive pelo impacto que ocasiona na memória da sociedade. Além de sua contribuição, por sua própria natureza, no desenvolvimento e estímulo de forças transformadoras e questionadoras das estruturas sociais (Melo, 1999, p. 25).

Ao revisitar o patrimônio construído através da trajetória de vida contada em memórias, acrescentamos o aspecto envelhecer, nesse trabalho os relatos são de pessoas com idade entre, 60 e 70 anos que tiveram anos de experiência com educação física escolar. Sua idade permite narrar um tempo que envolve o crescimento da cidade, suas relações com a educação física e com os esportes, e as peculiaridades de histórias de vidas vinculadas a uma outra época.

Ouvir as narrativas dos professores aposentados nos leva a revisitar o passado, identificar os caminhos que construíram o hoje, e no caso da escola, reconhecer por onde andou a educação física, quais foram as opções reais, com foi construída e como esses professores reinventaram suas aulas. Será que tudo que caminhamos, nos levou a uma direção oposta ao que já foi vivido? Ou andamos em círculos? Será que foram grandes e significativas as mudanças? Que mudanças foram essas? A escola é a mesma? Que valores e sentimentos permeiam as narrativas dos professores?

Para Goodson (1995) um estudo sobre o trabalho do professor no contexto de sua vida profissional, tem valor quando damos *voz ao professor*, pois estas falas transmitem vários aspectos relevantes. As experiências de vida e o ambiente sociocultural são ingredientes da pessoa que somos, e de acordo como somos concebemos nossa prática. O estilo de vida do professor dentro e fora da escola, suas identidades e culturas ocultas tem grande impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa. O estilo de vida muitas vezes, é um elemento característico em determinadas coortes, por exemplo, um trabalho sobre professores dos anos 60, revelaria características dessa época no comportamento em sala de aula. O ciclo de vida, pode também marcar o comportamento e determinar a forma do ensino, de igual forma as decisões e estágios da carreira assumem importância no desenvolvimento profissional.

O autor ainda acrescenta:

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se depararam ao indivíduo (Goodson, 1995, p. 75).

De acordo com Bem-Peretz (1995) o recolhimento de histórias de professores aposentados, fornece a reconstrução da história da prática docente, ao longo do tempo, bem como pode servir para a reflexão dos professores em início de carreira. Para a autora, as histórias narradas por professores aposentados constituem fontes enriquecedoras com vista a um melhor conhecimento da natureza do processo de ensino. As experiências profissionais memorizadas pelos professores podem nos proporcionar estudos sobre formação profissional, e direcionamentos de esforços conjuntos no processo pedagógico que envolve toda comunidade escolar. As memórias podem compreender-se como relatos de “revivências” de certos acontecimentos, dar nova forma aos sentimentos de então e pode levar a uma nova compreensão do caráter humano.

Narrar o passado parece recriar o mundo, sair saltitando aqui e acolá nos veios do tempo, narrar o passado é não ter idade e ter todas as idades ao mesmo tempo. Assim, ouvimos o depoimento de 9 professores aposentados de instituições de educação estadual e particular da cidade de Santa Maria/RS. A seleção procurou atender os seguintes critérios:

- 1- idade mais avançada ;
- 2- capacidade de diálogo (identificada através das indicações de outros familiares e restando dúvida através de um primeiro contato pessoal);
- 3- tempo de atividade como professor de Educação Física. Prioridade para o maior tempo de atuação, experiência com educação física escolar.

Construímos assim, um grande número de relatos pessoais que compreendem o período dos entrevistados nascidos entre 1938 e 1946. Sendo que o entrevistado mais jovem possuía 62 anos e o mais velho 70 anos.

Cenário histórico e cultural da Educação Física na cidade de Santa Maria

A história de Santa Maria admite muitos “heróis desconhecidos”. Pela cidade muitas vidas já passaram e muitas histórias foram construídas e contadas. Uma cidade que exhibe em sua história, fatos e personalidades que se misturaram para construir um importante cenário social, político e econômico do Estado e do País.

Instalada no centro do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria tem sua origem ligada à atuação de militares, que se instalaram para cumprir missões demarcatórias de limites. De acordo com Rechia (1999) a formação étnica, cultural e social tem a contribuição dos oficiais e soldados. A influência militar esteve também espalhada pelas escolas, principalmente nas aulas de educação Física. Muitos professores tiveram professores militares ou tiveram influências da prática de atividades físicas no quartel, durante o serviço militar obrigatório.

Na década de 60, a sociedade brasileira busca a liberdade de pensamentos, idéias, e expressões, e podemos dizer que os primeiros anos são marcados por um ar de inocência nas manifestações sócio culturais. Já a segunda metade possui um tom mais “ácido”, revela a busca por experiências: drogas, revolução sexual, protestos juvenis contra governo, o surgimento do rock, do feminismo, do movimento negro e homossexual.

Recebendo influências deste cenário, cresce Santa Maria, e nossos “heróis” também vivem as contestações juvenis, os famosos “anos rebeldes”. De acordo com a data de nascimento, nossos entrevistados nesse período estavam entre 14 e 22 anos, alguns portanto na escola, e outros já trabalhando.

Eu fugia das aulas e junto com as colegas íamos para a primeira quadra flertar com os meninos. Eu ia passear na primeira quadra, hoje Calçadão. Era cheio de “brotos”, de rapazes. Era muito legal, começou o tempo das saias curtas (mais pra mini) acima do joelho. Eu tinha que usar a saia lá pela canela, então a gente saía e enrolava tudo na cintura, ficava aquele “negócio”... Mas na moda! A gente na Primeira Quadra, caminhava pra lá e pra cá... Não durou muito e o pai descobriu, me tirou do Maneco e me colocou no Santana. (Prof 5)

Os anos 50, 60 e 70 testemunham essas histórias. Rechia (1999) em seu livro relata que durante muito tempo o atual Calçadão de Santa Maria, foi chamado de Primeira Quadra e era onde se encontravam as casas comerciais. Por isso o movimento do comércio e também ponto de encontro social. Principalmente aos fins-de-semana, depois da saída do cinema Imperial, a rua era ponto de encontro para jovens passear, desfilar, flertar. Os moços, em pequenos grupos no leito da rua, e as moças passando nas calçadas, faziam charme e glamorosas, atiravam brejeirices e piscadelas sobre os admiradores.

Quando viemos pra Santa Maria, pois meu pai veio trabalhar no comércio, ele comprou um armazém; fiquei um ano sem estudar. A formação da minha mãe era de que mulher tinha que saber fazer crochê, saber bordar, saber sobre os afazeres do lar, e que os estudos eram só para os filhos homens. Nós éramos em quatro na época, e os três guris estudavam e trabalhavam ao mesmo tempo. Então as minhas tias convenceram a minha mãe que eu tinha que estudar, ora onde já se viu morar numa cidade cheia de escolas e ficar bordando em casa! (Prof 3)

Outro ponto a ser destacado é o deslocamento desses familiares para a cidade de Santa Maria, que de acordo com Melo (2005) o contexto geográfico foi cenário ideal para a sedimentação das migrações, ganhando impulso a partir de 1898, quando se iniciou processo de desenvolvimento do transporte ferroviário. Essa atividade gerou espaços como o da Estação Férrea e da Vila Belga – destinada aos ferroviários, e ainda diversos parques de oficinas influenciando na evolução urbana da cidade estimulando o desenvolvimento de atividades comerciais e hoteleiras além da criação de vilas e bairros adjacentes. De acordo com o autor, que descreve as modificações urbanas sofridas durante e após o segmento ferroviário, esse desenvolvimento propiciou também a criação da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul que chegou a ser considerada a maior da América Latina. Essa cooperativa contribuiu com espaços de educação, saúde, lazer, comércio, indústria e outros; se constituindo em componente fundamental da história e da memória de uma coletividade.

Algumas histórias pitorescas, carregadas de subjetividade dão uma imagem real de como era a vida da cidade e como nossos narradores foram formando suas identidades:

Mas pra ganhar o cinema no domingo, meu pai era ferroviário não tinha tanto dinheiro, então pra ganhar o cinema de domingo, os mais velhos sentavam na calçada e pagavam pro

vencedor a matinê. Fazíamos a volta na quadra. Então saía 20 ou trinta guris correndo, andavam a quadra inteira e o que ganhava, ganhava a entrada pro cinema. Eu sempre ganhei, eu era um bom velocista. (Prof 1)

O retrato de nossos narradores é um retrato de quem nasceu ou vivia em cidades próximas ou nos arredores de Santa Maria, com a cidade em plena expansão, muitas famílias migraram para Santa Maria buscando ocupações, seja no serviço militar, seja no comércio ou até mesmo na área educacional que crescia consideravelmente:

Morávamos em Alegrete, depois meu pai foi transferido pra Santa Maria. Viemos pra cá em 1957, e eu fui estudar no Instituto de Educação Olavo Bilac, onde cursei a 5ª série. Depois tive que fazer exame de Admissão para entrar no curso ginásial. Fiz o ginásio no colégio Maria Rocha e o curso normal no Instituto de Educação Olavo Bilac. Ao mesmo tempo, fiz o curso científico (equivalente ao ensino médio hoje) (Prof 4).

Os professores narram esses fatos com saudade, descrevem as competições esportivas entre colégios, os desfiles e bandas com grande entusiasmo e saudosismo, enfatizando esse universo como um grande foco de trabalho da Educação física.

No Maneco era só a equipe masculina de voleibol, que eu treinava para esses jogos da Primavera, jogos Imembui, jogos escolares, o objetivo era equipe, e para esses alunos isso era a educação física deles. Os que não optavam pela equipe tinham EF normal com outro professor dentro do colégio. Que também era um problema sério porque no Maneco não tinha local pras aulas. (Prof 2)

De acordo com Rechia (1999) dentre os requisitos para se manter na vanguarda como escola modelo no estado, sempre estiveram os desfiles da Semana da Pátria. As representações dos colégios nos desfiles eram bem elaboradas e caprichadas, de acordo com os nossos narradores, chegava a um certo grau de competição. Todos os professores que narraram esses fatos, relembram com saudosismo essa época e também declaram importante a participação dos professores de educação física nos desfiles, festejos escolares e cívicos.

Eu lembro que naquela época haviam muitas bandas na cidade, como a do colégio Santa Maria e do Maneco, que eram as maiores e mais famosas, também rivais. Tinha a do Maria Rocha e a do Coração de Maria composta somente por meninas, e o uniforme delas era no estilo escocês. (Prof 4)

Para Melo (2007), a participação forte e marcante da educação física nos desfiles comemorativos à Pátria, tem sua origem ligada às escolas militares brasileiras (século XIX) e suas características exacerbadas pelo Estado Novo (1937-1945). De acordo com a idade de nossos entrevistados nessa época estavam apenas nos seus primeiros anos de vida, mas podemos concluir que as influências desses anos de Estado Novo,

percorreram por muitos anos as práticas de educação física nas escolas, e que segundo o autor a influência militar deixou marcas simbólicas até hoje.

No Brasil de acordo com Parada (2006) clubes e associações atléticas, desde o início do século, surgiam como expressão das diversas comunidades, que floresciam nos ambientes urbanos (bairros, grupos de imigrantes...) complexos das cidades brasileiras. Com as multidões dirigindo-se aos eventos esportivos não tardou para se sobressair o caráter competitivo e do mercado sobre o amadorismo. Portanto além de um novo mercado, cresce também entre os militares e médicos higienistas e pedagogos uma preocupação com a prática esportiva, despertando para uma interpretação moral sobre o tema: o aprimoramento físico seja para a melhoria do tipo racial ou intensificação do sentimento cívico e de dedicação a pátria.

Em Santa Maria o esporte surgiu com força total um pouco mais tarde, mas teve suas características mantidas, as competições na cidade com seus clubes famosos e seus atletas que já despontavam no cenário nacional, apontava para um grande crescimento do esporte nas escolas.

Já existiam as equipes nos colégios, era uma rivalidade muito grande, tinha os jogos Imembuí, Jogos da Primavera, Maneco e Santa Maria era um pavor a rivalidade, era um Grenal em Santa Maria. Depois na minha época de professor, a rivalidade continuou com o handebol, eram competições muito fortes, e agora nem se vê mais nada. Então aquilo era vivido, era uma briga entre os colégios, o Corinthians ficava cheio todo mundo ia pra lá. Era uma época que esporte tava em alta, os colégios tinham prazer de ter as equipes fortes jogando, e isso motivava o professor, motivava o aluno e motivava a direção da escola, porque a escola apreciava. (Prof 9)

Os nossos narradores mostram em suas falas saudosismo pelas competições escolares, pela formação de atletas, quase todos foram treinadores de equipes particulares ou dentro das escolas estaduais. Hoje relatam que tudo isso se não acabou diminuiu e muito.

Um exemplo: quando eu lecionava no Pilar, uma das maiores equipes do Rio Grande do Sul era a minha. E era feminina ainda, as minhas pombas! Tinha aula de segunda à sexta. E sábado era o castigo, quem não rendesse durante a semana tinha que treinar no sábado. Na minha época, eu e meus colegas, brigávamos entre nós pelos alunos, quando tínhamos competições de atletismo o Mallet era lotado, na Federal no campo da Educação Física era lotado. E agora cadê? Corinthians? Atlético? Jogos da primavera? Uma vez nos jogos da Primavera a colega Leda fez uma abertura maravilhosa, de arrepiar. Nós tínhamos uma fábrica de atletas, equipes de todas as modalidades. (Prof 6)

Historicamente o desenvolvimento e crescimento do esporte se deram junto com os processos de modernização e urbanização dos séculos XIX e XX, nesse contexto as cidades estão em crescimento industrial e tecnológico. Em Santa Maria o esporte passa a representar parte da efervescência da modernização, a criação da Universidade Federal, as indústrias, os quartéis e o sistema ferroviário; trazem jovens de todas as

partes do Brasil e de todas as classes sociais, assim em consonância com o sistema nacional, crescem as competições e modalidades esportivas.

A educação física chega na escola em 1931, segundo Parada (2006) o ministro da educação Francisco Campos torna a educação física obrigatória em todas as classes do ensino secundário. E seu objetivo era suscitar e desenvolver nas crianças condições físicas, intelectuais e morais para incorporá-la ao conjunto da sociedade política e ao meio funcional a que se destinaria.

Dentre os professores da época, o esporte surgido das massas e que serviam apenas como centros de diversão e apostas, deveriam fazer parte da consolidação do espírito nacional, mas para isto precisaria de uma atuação direta do governo sobre o campo esportivo. Para Parada (2006), o esporte e a educação física, a serviço do bem público, apresentariam um novo horizonte para a educação das massas, esporte e educação física estariam, assim, em estreita ligação com a formação cívica do membro da comunidade política.

Essas bases históricas nos dão um sentido para compreendermos a educação física atual, e como o esporte vinculou-se às nossas aulas. O esporte na escola sempre foi tema de discussões pedagógicas na educação física, e nesse sentido procuramos ouvir, o que nossos protagonistas pensam como a importância de se trabalhar o esporte na escola.

O esporte tem que ser trabalhado, toda a vida, mas barbaridade! Porque o esporte é disciplinador, tu tem que ter uma disciplina, tu é obrigado a seguir uma linha, a pontualidade, a disciplina, o treinamento, tudo que envolve aquele esporte (...). A personalidade da pessoa, ele tem que ter uma personalidade muito bem trabalhada para que ele possa viver os dois momentos, ou a vitória ou a derrota, principalmente a derrota, que é o mais difícil, a vitória é euforia, o título, a beleza, a família o foguete(...) agora a derrota a gente fica sozinho, se não tiver uma personalidade boa a gente cai em depressão.
(Prof 1)

O esporte esta inserido no cotidiano de nossas vidas, é impossível deixar ver ou ouvir algo sobre algum esporte, o professor acima considera aspectos importantes que podem ser levados a uma profunda reflexão com os alunos em sala de aula.

Reflexões sobre as práticas na escola: “Primeiro o homem, depois o atleta”

De uma forma geral podemos dizer que nossos protagonistas tiveram suas vidas influenciadas pelo auge esportivo em Santa Maria, o auge do basquete, do handebol, o início do curso na UFSM, foram coordenadores e treinadores de equipes nas escolas e fora delas também, enfim, nossos protagonistas conhecem bem a realidade escolar e esportiva.

A maioria de nossos entrevistados trouxe e alguns ainda trazem arraigada a filosofia do esporte competição como uma das grandes alternativas para a disciplina e a humanização do aluno como cidadão. Seus relatos apresentam aulas tecnicamente bem elaboradas, com empenho do professor. Mas entretanto, quando questionados sobre as regras impostas pelo “mercado do Esporte competição”, como o caráter seletivo dos

mais aptos, os professores apresentam certa dificuldade de estabelecer um olhar mais crítico, mas apresentam suas saídas:

Tens que mostrar pros outros que nem todos tem a mesma habilidade, e muitas vezes tu tem que conversar com aquele aluno fora da aula, orienta-lo a se impor mais, a participar, a não ficar parado, a mostrar vontade, mas não é fácil, porque a gurizada sabe quem é o mais fraco, ou sem muitas condições. Fazer outros tipos de jogos, brincadeiras... é um jogo duro pro professor porque a criança acha que tudo é competição, mas tu tem que estimular porque senão essa dificuldade vai pela vida a fora. (Prof 2)

Conversar e apontar são atitudes muito tênues quando se fala de exclusão, vergonha, timidez. O professor quando não planeja sua ação, e as possibilidades e resultados, pode acabar incorrendo em erros graves que marcam o processo educacional de uma criança. O problema não é o esporte, mas o que este carrega em si e como sua prática de acordo com as regras e com as regras do mercado podem excluir e minimizar a cultura corporal de movimento dos alunos em uma aula de Educação Física.

Em algumas escolas o sistema de clubes predominava, no início do semestre, o aluno podia escolher se queria praticar algum esporte, ou seja treinar; ou então se desejava ficar com Educação Física geral, de algum modo fica claro, que alunos que não tinham aptidão para nenhum esporte eram obrigados a escolher a aula geral, que de acordo com relatos não era bem vista na escola:

Nós chamávamos de INSS, nós tínhamos os professores que faziam o mesmo trabalho que nos fazíamos com esses alunos que não tinham equipe. Durante o período de aula, esses alunos tinham todas as atividades. Todos os esportes. E a gente também se propunha a ajudar, ninguém ficava parado. Todo mundo tinha aula, todo mundo tinha nota, por interesse, participação, assiduidade, companheirismo... tudo isso. (Prof 6)

A crítica ao esporte na escola nos dias atuais é principalmente ao esporte de rendimento onde este, segundo Bracht (2000) tornou-se a expressão hegemônica da cultura de movimento no mundo moderno. Para o autor o esporte possui forte orientação no rendimento e na competição, seletividade via concorrência, etc. elementos estes que estruturam a nossa sociedade atual, e que se impõem aos elementos da educação física, definindo e instrumentalizando a própria educação física.

O caráter seletivo do esporte é questionado por essas teorias, e a “seleção” dos alunos nas escolas aparece nos diálogos de nossos professores, muitas vezes que demonstram não encontrar saídas, outras vezes maturidade e compreensão dessa separação dos “menos aptos ao esporte”.

Nós éramos apaixonados. Eu e alguns colegas sentíamos as vezes que de alguma forma os professores mais valorizados eram aqueles que trabalharam com as equipes. Uma vez eu estava no colégio e comecei a utilizar umas classes velhas pra fazer obstáculos, subir no muro, nas árvores, e uma colega veio: - (...), mas aquilo ali é aula de educação física!!! Claro porque

ela ia pra janela e via o trabalho que os professores de equipe faziam, em alto nível com a equipe dele, e eu lá brincando, caminhando numa cordinha, subindo numa mesa, trepando em árvore... mas eu me sinto feliz porque eu trabalhei com o todo. Com todos os esportes, com dança, com rítmica... com tudo. Eu sempre gostei de trabalhar com a criança. Me preocupa quando eu vejo essas meninas da ginástica, com as mãos machucadas, cheias de calos. Elas não vivem a vida, é só treino, a carreira é muito curta, e aí vem as frustrações, porque vão ser atletas de alto nível e tem sempre que ser a melhor. (Prof 4)

De acordo com Pimenta e Golçalves (*apud* Coletivo de autores, 1992) o professor deve ser instigado a escolher, para sua prática, as opções que respondem as exigências atuais do processo de construção da qualidade pedagógica das escolas públicas brasileiras. Escola que se pretende “democrática, universal, gratuita, obrigatória, laica e unitária, resultando de um projeto coletivo e adequada em relação aos seus equipamentos materiais e espaços físicos”.

Tens que mostrar pros outros que nem todos tem a mesma habilidade, e muitas vezes tu tem que conversar com aquele aluno fora da aula, orientá-lo a se impor mais, a participar, a não ficar parado, a mostrar vontade, mas não é fácil, porque a gurizada sabe quem é o mais fraco, ou sem muitas condições. Fazer outros tipos de jogos, brincadeiras... é um jogo duro pro professor porque a criança acha que tudo é competição, mas tu tem que estimular porque senão essa dificuldade vai pela vida a fora. (Prof 2)

Muito das críticas à esportivização e à aptidão física se deu em virtude da análise da função social da educação física, que continuava a marcar e a contribuir para as diferenças de classes de uma sociedade capitalista sem freios, onde muitos eram excluídos, a partir da escola, desse processo. A educação física absorveu essa análise e seus pensadores correram atrás de mudanças, e de acordo com Bracht (1999) surgiu um movimento revolucionário que depois foi chamado de crítica progressista. Esse movimento trouxe um quadro de propostas pedagógicas na área da educação física que se apresentam hoje como alternativas embora a prática seja balizada ainda pela aptidão física e esporte.

Trabalhei com esportes, tive grandes vivências, mas eu acho que não pode pensar a educação física só no esporte...um dos fins seria o esporte, mas tem que ter um inicio, um meio e um fim. Uma das coisas que eu briguei muito no colégio Centenário era a avaliação... tu não pode avaliar igual, tu é uma boa saltadora em distância, mas aquele que tem dificuldade e melhorou um pouquinho será que não tem que ser melhor avaliado!? Porque se doou mais, evoluiu? No basquete, lance livre pra mim é uma barbada, agora pra ti que não teve vivência nenhuma de basquete, aprende e com grande dificuldade vai lá... Tem que valorizar o grau de dificuldade de cada um. (Prof 2)

O professor acima narra algo que dominou as aulas de Educação Física e talvez domine ainda: a chamada “ biologização “ apontada por Daolio (2003). Ou seja; uma tendência nas aulas de universalização do corpo humano. Se o corpo é um conjunto de ossos, músculos e articulações, todos os corpos são iguais, por possuírem os mesmos componentes, portanto a mesma atividade ou avaliação servem para todos em qualquer lugar ou época.

Eu tive alunos com muitas dificuldades, que no final ficavam ajudando a carregar as bolas, ficavam de lado. A gente procurava sempre dar atenção separado da turma. Mas o aluno sem coordenação até pra se movimentar é difícil. Eu acho que o aluno descordenado é uma coisa intrínseca dele mesmo, algo que envolve o sistema nervoso, eu acho até, ele cai facilmente, tem dificuldade de deslocamento. Eu não tive iniciação quando criança, mas sempre tive coordenação motora. Esse aluno fica excluído, os outros e ele mesmo se excluem. (Prof 7)

Para Daólio (2003) essa tendência em considerar o homem como ser biológico não aconteceu somente na educação física, mas em outras áreas pela influencia das ciências naturais. Mas foi na educação física que essa tendência tornou-se determinante devido a sua atuação sobre o corpo. Nesse sentido as diferenças entre os alunos não serão percebidos ou serão justificados como fruto da natureza, sendo considerados biologicamente bem dotados ou menos dotados.

O professor acaba por selecionar os alunos e privar alguns do acesso a cultura corporal de movimento; e esse processo segundo o autor, quase sempre inconsciente por parte do professor, parece habitar o imaginário social da educação física, e faz compreender a dificuldade relatada pelos professores em trabalhar turmas heterogêneas em termos de habilidades motoras. Da mesma forma que torna compreensível a valorização do professor na medida que sua equipe vença campeonatos, ou pelos talentos esportivos descobertos.

Eu levava em consideração o prazer o gostar de fazer Educação Física, sentir-se feliz ali, fazer uma atividade por gostar, tanto que aquele mais tímido ou aquele gordinho, principalmente quando tinha aquelas brincadeiras, de correr, estafeta.... aquilo era o máximo, aí vem a menina mais atrasada, o grupinho começa a rir. Então no final tu chama pra conversar, eu sempre ensinei a não vaiar, a saber que um dia uns ganham e no outro perdem, eu sempre ensinei o que era educação física e o objetivo da educação física, onde ninguém é melhor que outro, nós temos as nossas limitações, tem um que pode mais numa coisa e tem outro que pode mais em outra coisa, ninguém é bom em tudo, tem que entender o que é uma brincadeira, não tem que estar brigando, não tem que estar xingando. Então, eu tinha um coordenador lá no Colégio (...) que dizia sempre: - Primeiro o homem e depois o atleta. (Prof 4)

Essas narrativas fazem a pergunta sobre até onde vai o ofício de ser professor, e esse espaço de múltiplas expressões é que constitui a escola. Revisitar a educação física escolar através dessas falas faz com que reacendamos nossa identidade de professores,

mestres, e acima de tudo faz bem ouvi-las; faz-nos acreditar que somos capazes de fazer a diferença que somos capazes de compreender a prática educativa de acordo com Freire (1996), como uma prática estritamente humana e não como uma experiência sem alma, fria, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos; e também compreendê-la como algo rigoroso onde encontra-se a disciplina necessária.

Pensar na criança, o que é bom pra ela, não o que é bom pro professor! Eu acho que o principal elemento pro professor de educação física não é bola, não é quadra; é o aluno, a pessoa, a criança. Tem que procurar trabalhar o desenvolvimento da criança, dentro da sua faixa etária. Eu sempre achei que uma boa aula, tem que dar condições pra criança trabalhar todos os elementos que ela precisa pra se desenvolver: coordenação, agilidade, flexibilidade, etc. Uma aula boa deve trabalhar as vivências físicas da criança, não é que ela queira ser um atleta, tem que dar vivência pra ver se ela gosta. Uma coisa que eu sempre combati muito como supervisor, eu vou numa turma seleciono 3 e dou todas as condições, e os outros 40? (Professor 2)

Os professores sabem que cada dia no convívio com crianças ou adolescentes, é um outro dia. A prática docente requer voltar à infância, reencontrá-la nos educandos e em nós mesmos, fazer esse caminho de volta requer domínio de artes e saberes. Entender o que a infância nos diz, sobre as possibilidades de sermos humanos, educar a sensibilidade para captar nas aulas, nos conteúdos e temas, os significados do processo de humanização.

Considerações finais

Este estudo permitiu, através da história de vida, abrir portas para a investigação dos pensamentos e memórias de uma educação física peculiar com traços da cidade de Santa Maria, mas que de alguma forma apresenta as características de um período nacional. Ao revisitarmos os anos 60,70 e 80 através das recordações de nossos entrevistados, pudemos passear pela história de uma forma privilegiada, onde o real se faz mais presente do que nunca.

As narrativas falam do entusiasmo, da força e também dos problemas do esporte, suas reflexões não avançam para um campo mais profundo mas fazem com que nós nos indaguemos, e então possamos compreender o esporte e tratá-lo pedagogicamente, de forma clara, com opções e com a visão voltada para uma nova concepção de homem e sociedade. Não se trata apenas de enquadrar as aulas em esta ou aquela abordagem é preciso investir na formação do professor a partir do seu próprio conhecimento. Quais são os seus valores? Em que ele acredita? E porque acredita?

Observamos através de algumas das narrativas, a tendência a biologização, a tendência de tratar os alunos como iguais, da dificuldade em encontrar alternativas para o aluno “menos apto” ou de trabalhar com turmas díspares em habilidades motoras. A

perversidade dessa tradição cultural nas aulas de educação física, tem castrado a participação de muitos alunos, em nome de uma excelência motora; não é raro encontrar adultos hoje que apontam as suas aulas com tristeza e até raiva por terem ficado a margem das aulas de educação física na escola. Alguns entrevistados apontam como importante, o aluno gostar da aula de educação física, que o esforço do professor deve ser no intuito de tornar a aula prazerosa. Isto remete a um adulto que gosta do movimento corporal, que vai vincular-se a um esporte e primar pela busca da saúde. E isso é positivo, tanto para o aluno quanto para o professor e o sistema de ensino. Pois a partir do gosto pela prática corporal, pode-se inserir a pedagogia crítica, as relações com o mundo, as discussões sobre a vida e o sistema de produção social.

Por isso essas narrativas tornam-se tão importantes, pois trazem um olhar de quem protagonizou um período, uma época, as dores e os amores de enfrentar a “aula de educação física” na escola. Suas experiências são ricas e sinceras, vozes que precisam ser ouvidas para que não se caia na teorização de uma prática que é real, que ainda necessita de reflexão, mas que acima de tudo necessita de quem “faça”, de quem enfrente o dia-a-dia da realidade escolar brasileira.

Referências

BEM-PERETZ, Miriam. Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: Nóvoa, Antonio (org.). Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, p. 199- 214, 1995.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Caderno CEDES, Campinas, v.19, n.48, 1999.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100005&Ing=pt&nrm=isso>. Acesso em: 29 de abr 2008.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. Revista Movimento [Onlyne] 6:12,.AnoVI,n.12,2000/1.

Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2504/1148>. Acesso em: 10 de nov de 2008.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo : Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Cultura: educação física e futebol. 2 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: As histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: Nóvoa, Antonio (org.). Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, p. 63-78, 1995.

MELO, Luiz Fernando da Silva. O imaginário do espaço: a ferrovia em Santa Maria RS. Revista Arqtextos. 066 texto especial 337- nov. 2005.

Disponível em: <http://vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp337.asp> Acesso em: 06/11/2008

MELO, Victor Andrade de. História da Educação física e do esporte no Brasil: Panoramas e perspectivas. 3ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. A Educação Física e o Estado novo (1937-1945): a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Revista digital- Buenos Aires- Ano 12-nº 115- dez. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acesso: 06/11/2008

PARADA, Maurício. Corpos Físicos como Corpos Cívicos: Práticas Desportivas e Educação Física no Brasil sob o Estado Novo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Memória social dos Esportes. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, p. 155-183, 2006. V2

RECHIA, Aristilda. Santa Maria: Panorama histórico-cultural. Santa Maria, Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

MARCO AURELIO ACOSTA

Centro de Educação Física e Desportos / Universidade Federal de Santa Maria

Av. Roraima, 1000 – Cidade Universitária - Camobi

CEP 97105900 – Santa Maria

E-mail: marco.acosta@bol.com.br

Recurso tecnológico necessário a apresentação: Datashow